

Em Rostov, pensamentos sobre Ucrânia, Rússia e América Latina

Diego Leite de Oliveira

No século XX, por um longo tempo a Rússia enquanto parte da URSS esteve isolada do Ocidente, por conta da “cortina de ferro”. Era difícil ter acesso ao território, quanto mais conhecê-lo de fato. Porém, com a perestroika e a consequente desintegração da União Soviética, uma nova ordem geopolítica se estabeleceu, tornando-se menos difícil viajar até este imenso país de vastas estepes e gigantesca diversidade étnico-cultural.

Paulatinamente ia-se conquistando acesso ao modo de organização social do povo russo, surgia a possibilidade de visitar cidades antes proibidas ao cidadão estrangeiro e de conhecer parte do patrimônio cultural que outrora se fazia inacessível. Com a melhoria das conexões aéreas e a isenção de visto para ingressar no país a partir de 2010, as barreiras turísticas

para o cidadão comum brasileiro pareciam se desfazer ainda mais, resultado de um estreitamento de relações entre Brasil e Rússia a partir da formação do bloco BRICS. Além disso, com a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno em 2014, bem como da Copa do Mundo de 2018, parecia que a Rússia estava entrando para um outro patamar no cenário mundial.

Contudo, as voltas que o mundo dá parecem não se restringir apenas aos movimentos estabelecidos pelas leis da física e da astronomia. Já há algum tempo se observavam sinais de que algo importante estava ocorrendo naquela região oriental da Europa – berço da Ucrânia e da Rússia – hoje alvo de disputa pelas duas nações. O período de tensão política, nos anos 2000, que culminou na destituição, em 2013, de Viktor Yanucovitch, presidente da

Ucrânia, provocou um conjunto de eventos subsequentes: desde um referendo realizado na Crimeia, que resultou na anexação desse território pela Rússia, até uma série de conflitos armados na região Sudeste da Ucrânia, o que nos faz chegar à guerra que inegavelmente afeta o mundo inteiro agora, direta ou indiretamente. Um conflito bélico de grandes proporções, que tem provocado um êxodo populacional surpreendente, com número inestimável de ucranianos em fuga não somente para nações vizinhas, mas também para territórios mais distantes como o Brasil. Sobre esta guerra muitos já vêm discorrendo de um modo incomensuravelmente mais rico, mais bem fundamentado e mais interessante.

O fato é que já não é mais tão fácil chegar até a Rússia. Não porque as relações entre o Brasil e a gigante das estepes tenham sido abaladas – como ocorreu entre esta última e outras nações, em virtude da guerra –, mas porque ter acesso físico ao país se tornou significativamente mais difícil. Com a guerra em curso, o espaço aéreo da Ucrânia e de uma parte da Rússia foi fechado para tráfego, de modo que

aviões com civis não podem circular pela rota mais frequentemente utilizada por quem chega à região pelo lado ocidental. Junte-se a isso o fato de que, como medida de retaliação à Rússia, diversas companhias aéreas cessaram seus voos para aeroportos do país. Outro fator também importante é que as principais empresas de cartões de crédito utilizados no mundo interromperam suas atividades por lá, resultado de sanções europeias e norte-americanas. Transferências em dinheiro vêm sendo feitas por meio de criptomoedas, o que acaba constituindo um obstáculo para os não entendidos no assunto e para os que pretendem permanecer por pouco tempo naquele país. Em suma, qualquer brasileiro que deseje visitar a Rússia deve estar pensando duas vezes antes de tomar a decisão, a fim de evitar o máximo possível de situações desagradáveis.

Eis que sou convidado a participar de um congresso no Sudoeste da Rússia, em outubro de 2022. O que fazer? Aceitar? Declinar? Valer-me de uma característica tipicamente brasileira, talvez fundamentalmente carioca, e dizer “vamos combinar”? Acabei por aceitar o convite.

O primeiro questionamento que surge entre pessoas que sabem que você se dirige à Rússia neste momento parece basear-se em posições ideológicas quanto a ser a favor ou contra esta guerra. Nesse sentido, assumir uma posição contrária a ela, segundo alguns, implica necessariamente uma oposição ferrenha à Rússia, o boicote à sua cultura, a recusa a visitar o país, bem como a se relacionar com pessoas que o habitam. Estes, naturalmente, se esquecem de que a guerra é uma decisão de Estado e não necessariamente de pessoas comuns, embora estas sejam indubitavelmente as mais afetadas.

Aqueles que se colocam em posição de simpatia à Rússia, parecem encontrar justificativas para a guerra e acreditar que ir ao território russo simboliza um posicionamento contrário ao imperialismo das potências ocidentais, um sinal de resistência ou coragem por assumir um ponto de vista distinto do hegemonicamente propagado pela grande mídia brasileira, a qual parece apenas reproduzir o que se coloca na mídia *mainstream* ocidental. Ato corajoso,

inclusive, porque ter o carimbo de entrada e saída da Rússia no passaporte agora talvez acarrete a impossibilidade ou, pelo menos, a dificuldade de acesso aos territórios dos EUA e da UE pelos próximos anos. Estes últimos, por sua vez, ignoram as relações pessoais e profissionais que estabeleci com residentes na Rússia, a despeito de qualquer questão de Estado. Ignoram igualmente minha relação pessoal, afetiva e em outra época profissional com a Ucrânia, país pelo qual nutro grande estima.

Há, por fim, os que são totalmente contrários à realização de qualquer guerra e que têm medo pela minha ida a uma região onde atualmente está acontecendo uma. Junto-me a esses últimos em sua posição pacifista, buscando compreender a complexidade dos acontecimentos atuais. Além disso, faço questão de tranquilizá-los, argumentando que é seguro viajar, que o conflito ocorre no território ucraniano e não no russo, que a viagem será por pouquíssimos dias e que, de avião, passamos pela Turquia, até chegarmos a uma região russa em que o espaço aéreo seja seguramente transitável. E

partimos: eu e mais dois colegas brasileiros da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ao chegarmos a Istambul, para a troca de avião, a polícia federal turca surpreende a todos no avião, buscando os cidadãos que estavam em trânsito para a Rússia: eu e meus colegas brasileiros. Diferentemente de meus colegas, não me preocupei. Imaginei tratar-se, provavelmente, de uma medida de segurança realizada para respaldar a Turquia, a Rússia e os próprios passageiros. Uma revista minuciosa para buscar sabe-se lá o quê. Enquanto era revistado, meu pensamento vagou na direção do Brasil, no quanto a população pobre, de periferia e, sobretudo, negra, passa cotidianamente por revistas de modo algum educadas como esta pela qual passava. Pensei no rol de atrocidades promovidas por quem, em tese, deveria proteger, na morte de crianças, na invasão de casas, perturbação das famílias, em toda violação de direitos humanos, sempre com a justificativa de pôr um fim à criminalidade que nunca cessa. E por que será que nunca cessa? Nossa guerra cotidiana, em nossa

própria terra. E quem parece estar perdendo é o povo brasileiro.

Chegamos a Sotchi, cidade localizada à beira do Mar Negro, no Sudoeste da Rússia, em uma noite de lua quase cheia. De lá iríamos a Rostov do Don, ou simplesmente Rostov, percorrendo mais de quinhentos quilômetros por terra, pois, a despeito de ter um aeroporto novo em folha, Rostov viu seu espaço aéreo ser bloqueado para voos comerciais, já que fica localizada muito próximo à fronteira com a Ucrânia, a apenas 122 km de distância.

Rostov é uma cidade peculiar, bem diferente da gigantesca Moscou e da europeia São Petersburgo. Uma autêntica cidade russa de pouco mais de um milhão de habitantes, fundada em 1749 por decreto da Imperatriz Elizaveta, filha de Pedro, o Grande. A cidade reproduz, em um só ponto populacional, um pouco da diversidade étnica do país: russos, ucranianos, armênios, arzerbaijanos, tártaros, georgianos, judeus e ciganos parecem, pelo menos à primeira vista, conviver de forma relativamente pacífica. Localizada à beira do rio Don, é a capital da região que serve como

cenário de uma das mais célebres obras da literatura russa do século XX, *Tuxuû Дoн* (*O Don tranquilo*), de Mikhail Cholokhov (1905-1984), escrita entre os anos de 1925 e 1932, a qual rendeu ao autor o Prêmio Nobel de Literatura em 1965. Curiosamente o tema da guerra se faz presente por todo o romance.

É em Rostov que está localizada a Universidade Federal do Sul (SFedU, em sua abreviação internacional em inglês), uma das dez universidades federais da Rússia. Na SFedU, há o Instituto Internacional de Educação Interdisciplinar e Estudos Ibero-Americanos, o qual realizou, neste ano de 2022, o IV Congresso Internacional *Natsionalnaia identitchnost skvoz prizmu dialoga kultur: Rossia i Ibero-Amerikanski mir* (em tradução livre, *Identidade nacional através do diálogo entre culturas: a Rússia e o mundo Ibero-americano*). Exatamente neste congresso eu deveria realizar uma palestra.

Para minha surpresa, o evento contava com muitos estrangeiros, a maioria proveniente da América Latina. Argentinos, colombianos, cubanos e mexicanos ocupavam, em Rostov, o mesmo auditório que eu e meus colegas brasileiros. Não me

recordo de ter estado em um mesmo ambiente com tantos colegas latino-americanos discutindo tópicos em comum. Na abertura do evento, discursos emocionados de boas-vindas por parte dos anfitriões, acolhedores como sempre, transitavam com hesitação, contornando o tema da guerra por meio de expressões eufêmicas alternantes: *situação complexa, momento conflituoso, período difícil...* Em momento algum ouvíamos o rótulo bem especificado, recorrentemente utilizado no Ocidente, mas sabíamos exatamente a referência, o tema.

Pela expressão facial que acompanhava a fala de certos palestrantes, podíamos compreender a aflição, o medo e a autocensura diante de um momento cujas proporções, desenvolvimento e consequências são completamente desconhecidos para qualquer pessoa na atualidade. Imediatamente lembrei-me de Kiev (ou Kiyv) e das demais cidades ucranianas que visitei – Donetsk, Kharkov (ou Kharkiv), Dniepro (ou Dnipro), localizadas na região onde hoje ocorre a guerra –, lembrei-me de amigos e conhecidos que fiz por lá. Pensei nas pessoas que residem em Rostov, as

quais provavelmente possuem parentes e amigos ucranianos, muitos residentes ainda na Ucrânia, quem sabe, alguns bem perto, há 122 km de distância, além da fronteira. Pensei nos homens russos e ucranianos que conheci, alguns deles talvez recrutados como soldados para a guerra, outros que precisaram fugir de suas terras para não participarem do conflito armado, ou, nas palavras de uma conhecida russa que fiz recentemente, *não irem por convocação em direção à morte.*

Eis que minha atenção se volta a uma mexicana, professora e pesquisadora, que inicia seu discurso no evento salientando a importância de se estar aberto para o outro, de estabelecer um diálogo com base na tolerância, porque só a partir da identificação das semelhanças e do reconhecimento e respeito às diferenças é que se pode chegar a uma convivência pacífica, democrática. Essa fala, feita com grande tranquilidade por quem acredita na força da palavra, referia-se ao tema central do evento. Porém, dita naquele contexto, parecia transcender o escopo do congresso em diversas esferas.

Várias apresentações ocorreram durante aqueles dias. Visavam abordar o amplo rol de dimensões das Humanidades, contemplando Rússia e América Latina pelo prisma linguístico, educacional, histórico, antropológico, psicológico. De todas elas, uma chamou-me a atenção de uma forma especial. Em uma perspectiva decolonial, uma pesquisadora discorria sobre a influência europeia na América Latina, principalmente na América Hispânica e seu reflexo na literatura. A apresentação levou-me a refletir sobre como nós, brasileiros, conhecemos pouco sobre nossos irmãos latino-americanos, e o quanto eles também sabem pouco a nosso respeito, apesar das semelhanças em nosso passado de submissão aos mandos e desmandos de uma Europa colonizadora. Fiquei pensando no conjunto de barreiras de diversos níveis que nos colocam em uma posição de distanciamento uns dos outros, não só do ponto de vista linguístico-cultural – já que o Brasil é o único país de língua e colonização portuguesa na América Latina – mas também sobre como a influência externa europeia e norte-americana contribuiu e talvez contribua para que,

enquanto nações irmãs dentro de um mesmo continente, não estejamos unidos em um bloco forte de nações que podem realizar diálogos e trocas com mais intensidade e se desenvolver com mais autonomia, em vez de voltarem as costas umas para as outras. Algumas tentativas foram feitas na direção de uma aproximação, mas é interessante observar o conjunto constante de acontecimentos políticos e econômicos que sempre nos desestabilizam e fazem com que nos esqueçamos uns dos outros. Basta pensar no quanto o atual governo brasileiro, que felizmente encontra seu fim em poucos dias, fez questão de cessar diversas ações de cooperação entre o Brasil e países da América Latina. Por quantas vezes expressões como “vai para Cuba”, “não queremos que o Brasil se torne uma Venezuela” ouvimos nos últimos anos, como a manifestação discursiva de um movimento muito mais profundo em nosso país, que promove a cisão entre os próprios brasileiros?

E, por alguma razão, a guerra entre Rússia e Ucrânia, a interferência externa nessas relações complexas de longa data, a OTAN, a UE, o conflito armado, o passado e o presente

despótico e imperialista da terra russa, as relações sócio-históricas entre as duas nações eslavas – embora estabelecidas em um nível muito particular – me fazem lembrar, em alguma medida, do distanciamento que temos em relação a nossos irmãos de continente aqui, na América Latina, assim como as feridas existentes em nossa própria identidade nacional. Mantemos nossa condição de país em desenvolvimento, nossa rivalidade e até desprezo por nossos iguais, enquanto idolatramos nações que assumimos como modelo a ser seguido, sem entendermos as bases em que nos estabelecemos enquanto nação subdesenvolvida (hoje com mais de 60 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar), sempre atrás daqueles que enaltecemos e diante dos quais assumimos uma postura subserviente.

Essa reflexão não explica por que povos irmãos, nascidos da mesma terra, hoje encontram-se em posições antagônicas no Leste Europeu. A questão é muito mais profunda, envolvendo um processo histórico complexo. Mas é no mínimo estranho que nações com tantos aspectos em

comum e que juntas foram capazes de fazer tanta coisa importante no passado, hoje parecem basear suas relações na hostilidade, na aversão, na guerra. No mínimo, precisamos nos perguntar por quê. E é o que faço também em relação à ausência de uma relação mais íntima e harmônica entre nós, brasileiros, e os demais países da

América Latina. A quem isso pode interessar?

Voltamos de Rostov com muita coisa para pensar.

.....